

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ALGUMAS DESCOBERTAS IMPORTANTES DA PRÉ E PROTO-HISTÓRIA PORTUGUESA NOS ÚLTIMOS ANOS.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Algumas descobertas importantes da pré e proto-história portuguesa nos últimos anos. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4) Jul.-Dez. 1963, p. 271-280.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Algumas descobertas importantes da Pré- e Proto-história portuguesa nos últimos anos

Por O. DA VEIGA FERREIRA
Bolsheiro do I. A. C.

Nos últimos anos algumas descobertas da Pré- e da Proto-história portuguesas têm sido postas em destaque por diversos investigadores, quer nacionais, quer estrangeiros. A partir de 1946 (1), sobretudo com algumas facilidades prestadas a muitos arqueólogos, tem sido possível descobrir e explorar um certo número de estações pré- e proto-históricas que têm revelado muitos elementos até então desconhecidos ou pouco evidenciados.

As escavações metódicas no concheiro da Moita do Sebastião (2) e no concheiro da Amoreira (3) em Muge, levadas a cabo pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, da presidência do saudoso amigo e grande investigador Prof. Mendes Correia, e pelos Serviços Geológicos de Portugal, com as facilidades concedidas pela Senhora Marquesa de Cadaval (4), que na escavação do

(1) Até 1946 fez uma resenha das descobertas arqueológicas a Professora Virgínia Rau, «Les recherches et découvertes pré-historiques au Portugal à partir de 1940», *Rivista di Scienze Preistoriche*, vol. III, fasc. 1-2, Firenze, 1948.

(2) Ver bibliografia sobre a Moita do Sebastião nos trabalhos de Mendes Correia, Jean Roche e Veiga Ferreira.

(3) Ver, além dos trabalhos citados para a Moita do Sebastião, os de Serpa Pinto para o Cabeço da Amoreira.

(4) É justíssimo salientar o desinteressado auxílio e fidalgo acolhimento da Senhora Marquesa de Cadaval. Nós mesmos temos sido recebidos e protegidos na sua Casa de Muge de uma maneira gentil e amiga que jamais poderemos esquecer.

Bom seria que a atitude desta ilustre Senhora frutificasse e que todos os proprietários de terrenos onde existem antiguidades

concheiro da Amoreira foi até ao ponto de subsidiar os trabalhos fornecendo trabalhadores da sua casa agrícola, deram como resultado o estudo em todos os pormenores da estratigrafia, da tipologia, da fauna, das análises do rádio carbono 14, etc., que trouxeram um esclarecimento profundo ao problema dos concheiros do Vale do Tejo.

O assunto não está, porém, de todo resolvido, pois outras jazidas existem na ribeira de Muge e no Paul de Magos que aguardam escavação metódica e estudo. Estamos certos de que outros dados surgirão para o completo esclarecimento destas interessantes jazidas.

Os concheiros do Vale do Sado, que nós visitámos e que deveriam talvez ser explorados pelos Serviços Geológicos, visto o seu descobridor, engenheiro-agrônomo Lerenó Antunes Barradas (1) ter cedido a sua exploração a estes Serviços, parece estarem a ser explorados por outra entidade, ignoramos com que resultados. É de esperar que o trabalho seja orientado por pessoa conhecedora e competente e que esses resultados sejam comparáveis aos obtidos no Vale do Tejo. Uma das finalidades mais importantes seria o estudo e comparação da fauna dos concheiros do Sado com a dos concheiros do Tejo (2).

As escavações nestes detritos de cozinha, como já tivemos ocasião de acentuar, são muito mais complicadas do que muitas pessoas possam supor. A estratigrafia encontra-se, por vezes, invertida e difícil de compreender e de observar, mesmo com um corte vertical bem limpo (3).

lhe seguissem o exemplo. Todos nós, investigadores, lhe devemos muito, e até o próprio País também já muito lhe deve. Bem haja.

(1) Lerenó A. Barradas, «Concheiros do Vale do Sado», *Anais da Fac. de Ciênc. do Porto*, vol. XXI, Porto, 1936.

(2) O estudo e comparação da fauna dos concheiros de Vale do Sado com a dos concheiros do Vale do Tejo reveste-se de uma importância capital. Sabemos, por exemplo, da existência no Vale do Tejo, na época mesolítica, de espécies respeitantes a um clima um pouco mais quente que o de hoje. Seria muito interessante verificar se no Vale do Sado, mais ao sul portanto, haveria nessa época fauna de clima quente mais abundante que em Muge.

(3) Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, «Nota sobre a estratigrafia dos Concheiros de Muge», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXVIII, Lisboa, 1957.

Outra série de escavações se tem ultimamente levado a cabo em grutas e monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa. Os técnicos dos Serviços Geológicos dirigidos pelo Engenheiro Inspector Superior D. António de Castello Branco têm feito escavações com resultados muito úteis e que, segundo cremos, trouxeram importantes elementos ao conhecimento da nossa Pré-história.

Em primeiro lugar vamos referir-nos à gruta das Salemas e à pedreira do mesmo nome situadas em Ponte de Lousa. Na gruta das Salemas quatro níveis foram evidenciados, a saber (1):

- a) — Nível neolítico.
- b) — Nível do Solutrense evoluído, com «pointes-à-cran».
- c) — Nível do Perigordense, com falsas «pointes-à-cran».
- d) — Nível do Paleolítico médio, com um dente humano neandertaloide (dente do leite).

A pedreira das Salemas tem dado sobretudo uma magnífica fauna do quaternário médio, com *Elephas*, sp., *Rhinoceros Merckii*, *Ursus spelaeus*, *Ursus arctos*, *Crocota crocuta*, *Bos primigenius*, *Equus caballus*, *Cervus elaphus*, *Capra hispanica*, *Sus scrofa*, etc. (2).

Relativamente perto das Salemas, em Casainhos, foram explorados os restos de um grande monumento megalítico do tipo dos da região de Lisboa. O espólio revelado é de grande importância para o estudo do Eneolítico da Península de Lisboa (3).

(1) G. Zbyszewski, J. Roche, J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «Note préliminaire sur les niveaux du Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa), Com. Serv. Geol. de Portugal, T. XLV, Lisboa, 1961.

Jean Roche, O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França, «Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas, Com. Serv. Geol. de Portugal, T. XLV, Lisboa 1961.

(2) Comunicação apresentada pelo autor na Associação dos Arqueólogos Portugueses.

(3) Escavações de Vera Leisner, G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França.

A descoberta de uma «tholos» na Praia das Maças (1) revelou não só uma grandiosa e complicada construção funerária, que só encontra paralelo no Sudoeste espanhol, na Cueva de Romeral (2), como também outros elementos exóticos de grande importância cronológica.

Últimamente foi explorada na Columbeira, concelho do Bombarral (3), uma gruta com um nível mustierense onde, a par de uma indústria lítica deveras notável, se encontrou uma fauna do mesmo género da de Chapelle-aux-Saints, uma bela indústria de osso e um dente humano do tipo neandertaliano (germen).

A brigada dos Serviços Geológicos tem levado a efeito no Baixo Alentejo, com a colaboração do Engenheiro Ruy Freire de Andrade (4), importantes escavações em monumentos megalíticos. A partir de 1954, com a ajuda da Companhia das Minas de Aljustrel, pudemos identificar dois tipos de achados: cultura megalítica, da civilização de Almeria ou com afinidades (5), e cultura

(1) Idem, Idem. Tanto o túmulo de Casinhos como o da Praia das Maças serão publicados, em Memória, pelos Serviços Geológicos de Portugal.

(2) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. 1943, Berlin.

(3) Escavações de G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França com a colaboração de Jorge de Almeida Monteiro, Director do Museu do Bombarral, e de Antero Furtado, Vasco Côrtes, Maurício, etc.

Nesta gruta foi encontrada uma abundante indústria mustierense de sílex, quartzito e de osso, assim como a seguinte fauna: *Ursus arctos*, *Rhinoceros Merckii*, *Hyaena spelaea* (*Crocuta crocuta*), *Equus caballus*, *Bos primigenius*, *Cervus elaphus*, *Sus scrofa*, *Canis lupus*, *Felis pardus*, *Felis pardina*, *Lepus cuniculus*, *Canis vulpes*, *Meles taxus*, *Arvicola*, sp., *Mus* sp., restos de aves, tartarugas, etc., etc.

(4) Escavações de Abel Viana, Ruy Freire de Andrade, O. da Veiga Ferreira e Padre Simões Serralheiro.

(5) Ver bibliografia dos autores citados na nota anterior, especialmente o trabalho de conjunto apresentado ao I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa em 1958 e «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, 1961, e «Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.ºs 3, 4, 1961.

lusitano-romana dos séculos I e II A. D. principalmente (1).

A cultura megalítica do tipo almeriense está hoje bem representada no Baixo Alentejo. Assim os túmulos de falsa cúpula fizeram a sua aparição com grande brilho. Existem os de arquitectura mista e os de tipo de Alcalar ao lado de cistas megalíticas do tipo de Monchique (2).

Nos cemitérios lusitano-romanos é vulgar o aparecimento de bela *terra sigillata* e magníficos vidros. As lucernas marcam uma data precisa aos cemitérios de Valdoca e do Farrobo (3).

Outro local de interesse é o da Senhora da Cola, onde o nosso amigo Abel Viana tem feito óptimas descobertas. Além das revelações do próprio castro, são de assinalar os grandes monumentos megalíticos, tais como o da Nora Velha, e, em especial, a estação da Atalaia, jazida que bem pode pertencer a uma nova cultura portuguesa (4). Não deixaremos de mencionar o castro da Mesa dos Castelinhos descoberto pelo Sr. P.º Simões Serralheiro, onde apareceu cerâmica negra do tipo campaniense (5).

Vamos agora aludir às escavações do excelente arqueólogo Ten.-coronel Afonso do Paço, no Castro de Vila Nova de S. Pedro (6). A descoberta ali de um forno de cozer cerâmica, que se pode situar à volta dos 4 000 anos, tem uma indiscutível importância, até porque veio esclarecer-nos um facto que havíamos observado: quando estudámos os vasos de S. Pedro do Estoril,

(1) Ruy Freire de Andrade, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, *Necrópole céltica-romana de Aljustrel*, Coimbra, 1957.

(2) José Formosinho, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, «Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique», *Trab. de Antrop. e Etnol.*, vol. XIV, fasc. 1-4, Porto, 1953-1954.

(3) Ruy Freire de Andrade, *As lucernas do cemitério lusitano-romano de Valdoca-Aljustrel*, Lisboa, 1958. Sobre Farrobo (Aljustrel) está prestes a ser publicado um artigo de R. Freire de Andrade e Veiga Ferreira.

(4) Abel Viana, *Algumas noções elementares de Arqueologia prática*, Beja, 1962.

(5) Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e António Serralheiro, *Apontamentos arqueológicos do Concelho de Aljustrel e Almodôvar*, Coimbra, 1957.

(6) Ver a vasta bibliografia de Afonso do Paço e seus colaboradores sobre o Castro de Vila Nova de S. Pedro.

sobretudo as grandes taças com pé (*fruits-stands*), tínhamos notado que a parte superior é negra e o pé vermelho, isto é, o barro da parte superior, a concha da taça, está queimada e, à medida que nos aproximamos do pé, o barro vem sendo mais claro até ficar vermelho. Não sabíamos a razão disto e mais de uma vez perguntámos a opinião de outros investigadores que não nos responderam concretamente. Porém, depois da descoberta do forno de Vila Nova de S. Pedro, tudo se apresenta claro. Como se verificou, o forno era abobadado e as taças eram ali colocadas de pé, como aliás, segundo supomos, assim eram postos todos os vasos.

O calor concentrado na calote do tecto deveria ser mais intenso do que na base plana da soleira, daí a taça queimar-se mais na parte superior que nos lados e no pé. Isto é natural, mas nunca nos ocorreu pois era ponto assente que durante a Pré-história não havia cozedura de cerâmica em forno, mas simplesmente ao sol, e que seria apenas o lume, quando os vasos eram utilizados, que lhes dava aquele aspecto de cozedura parcial.

As escavações no Castro de Zambujal, em Torres Vedras, feitas por Leonel Trindade, puseram a descoberto a entrada do castro (1). Foi uma descoberta magnífica, que revelou a bela construção e os cuidados de execução desta bem aparelhada muralha!

Devemos mencionar também aqui as descobertas da Penha Verde, em Sintra. Pela primeira vez se encontraram casas redondas feitas de delgadas lajes de calcário, como nas «tholoi» funerárias. São todavia casas e não sepulturas (2). O mesmo se pode dizer dos redutos de Olelas (3), onde os autores dessas pesquisas localizaram erradamente pretensas sepulturas. Pois os ossos ali aparecidos e considerados humanos eram, afinal, de porco.

(1) O Castro do Zambujal é uma das fortalezas pré-históricas mais interessantes. Está em vias de publicação uma nota preliminar sobre as últimas pesquisas ali realizadas.

(2) G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «A estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

(3) E. Cunha Serrão e E. Prescott Vicente, «Castro eneolítico de Olelas», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

A descoberta da sepultura da Bela Vista (1), em Colares, também é digna de registo. Trata-se sem dúvida de uma «tholos» aproveitada. O importante desta descoberta reside em especial nos anéis de ouro que acompanhavam um conjunto tipológico da cultura do vaso campaniforme. Esta descoberta veio reforçar a nossa tese de que as «tholoi» da Penha Verde eram casas e nunca sepulturas. Na Bela Vista encontrámos ossos e dentes humanos, mesmo no meio granítico, isto é, ácido, o que nunca nos sucedeu na Penha Verde, inclusivamente em contacto com a parede calcária. Apenas, como fauna, ali estava representado o velho porco.

Cabe agora pôr em foco, nesta modesta resenha, as escavações na área da velha Egitânia (2), orientadas pelo Dr. D. Fernando de Almeida. Tem-nos sido dada a felicidade de sermos o companheiro de escavações deste notável investigador.

Em Idanha-a-Velha, além das escavações na antiga catedral visigótica, no Castelo, que assenta sobre um templo romano do tipo do de Évora, e no possível balneário, vários cemitérios têm sido descobertos, desde as cistas megalíticas até às necrópoles visigóticas. A área de Idanha é de uma riqueza extraordinária e praza a Deus que D. Fernando de Almeida disponha de saúde, persistência e meios materiais para continuar tão patriótico trabalho (3).

Não podemos deixar de mencionar também o primoroso trabalho do Dr. Bairrão Oleiro na velha Conim-

(1) O. Álvares Pereira de Mello, V. Fortuna, J. Camarate França, O. da Veiga Ferreira e J. Roche, «O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa 1961.

(2) Ver bibliografia de D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira sobre Egitânia e arredores.

(3) Na verdade D. Fernando de Almeida tem sido incansável nos trabalhos da velha Egitânia. Se não fosse a sua pertinácia e firme vontade, aliada à sua forma simpática e delicada de remover dificuldades, nada se teria feito pelas velhas ruínas egitanienses. A ideia de constituir, em todas as férias, uma espécie de cursilho prático para os alunos de arqueologia, com estadia nas velhas ruínas durante os trabalhos ali realizados, tem obtido resultados muito bons. Pelo menos os jovens estagiários, rapazes e raparigas, começam a ver qualquer coisa sem ser apenas nos livros.

briga, assim como a descoberta de grande importância do sumptuoso cripto-pórtico existente por baixo do Museu de Machado Castro, em Coimbra (1).

O que Bairrão Oleiro tem feito em Conimbriga é simplesmente notável. O trabalho de consolidação e restauro das antiguidades descobertas, designadamente dos mosaicos, merece os maiores e merecidos elogios. Bairrão Oleiro está a conservar e a restaurar muito do que foi escavado em épocas anteriores.

Sabemos também que em Troia se tem procedido a escavações nas antigas ruínas romanas, mas desconhecemos qualquer relato desses trabalhos (2).

Em Miróbriga foram reatadas as escavações, em boa hora entregues ao Dr. D. Fernando de Almeida. No ano passado, a convite deste amigo, ali estivemos e observámos o que está a aparecer no alto do castro. Parece-nos que o futuro nos trará coisas do maior interesse, pois a área ocupada pela antiga cidade é muito grande e foi já assinalada a existência de ruínas muito importantes, como um templo e um circo.

Neste assunto de escavações há duas entidades que é justo relembrar aqui: o Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Fundação Calouste Gulbenkian. A primeira destas entidades desde há muito vem ajudando a tarefa patriótica de pôr a descoberto, restaurar e conservar as nossas antiguidades; a segunda começou já a proteger a arqueologia nacional e os arqueólogos. Bem hajam.

Desejamos chamar também a atenção para as escavações na região de Arganil. Ainda não visitámos a região, embora o Dr. Castro Nunes já por mais de uma vez nos tenha convidado a fazê-lo. Pelas comunicações deste arqueólogo fica-nos a impressão de existir na área de Arganil um aglomerado com influências de Almeria. Não estamos bem seguros de que as construções maiores sejam

(1) J. M. Bairrão Oleiro, *O cripto-pórtico de Aeminium*, Coimbra, 1956.

(2) Muitas pessoas persistem no sistema de fazer escavações e armazenar objectos sem procederem ao estudo e publicação periódica desses materiais. Isto é um erro e só prejudica a investigação arqueológica, assim como atraza os estudos sobre a evolução desta ciência.

de facto dólmenes ou monumentos funerários. Parecem-nos, pela exposição e fotografias, que se tratará talvez de uma acrópole onde acidentalmente se construiu um túmulo (?). Mas pode afirmar-se que a descoberta é de grande importância para os estudos dos problemas do nosso eneolítico (1).

Devemos ainda citar os trabalhos dos Serviços Geológicos na área de Arronches — Esperança (2). Como é do conhecimento geral, o Abade Breuil fez descobertas muito interessantes nos quartzitos da Esperança, onde encontrou e publicou uma série de pinturas de um abrigo.

Encontrámos agora mais dois abrigos com pinturas que já estão reproduzidas e em vias de publicação. É de salientar a descoberta da primeira mão pintada de vermelho em abrigos ou grutas.

Por último faremos ainda menção de alguns achados fortuitos que puseram a descoberto materiais dignos de estudo.

A gruta da serra de Montejunto que deu um conjunto de peças ósseas humanas e dois vasos de boca elíptica de grande raridade (3); as grutas do planalto de Cesareda com abundante espólio ainda por explorar; o concheiro de Maceira, descoberto por Leonel Trindade e pertença dos Serviços Geológicos; e numerosos povoados ou aglomerados populacionais eneolíticos nos arredores de Lisboa.

Mencionaremos também as escavações metódicas do investigador Coronel Mário Cardozo, na Citânia de Briteiros. Mantenedor da Obra de Martins Sarmento, Mário Cardozo tem desenvolvido uma actividade excepcional. Muito se lhe fica devendo já.

As descobertas nas grutas da região de Sesimbra, que são de grande importância, e a que urge deitar a mão

(1) Os materiais apresentados no I Congresso Nacional de Arqueologia são da mais alta importância para o estudo das influências almerienses a Norte do Rio Tejo.

(2) L. de Albuquerque e Castro e O. da Veiga Ferreira.

(3) D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, *Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas*, I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1959.

antes que se destruam tais jazidas, ainda apenas ligeiramente pesquisadas (1).

Em Carnaxide as descobertas feitas pelos Serviços Geológicos e pelo Centro de Estudos Peninsulares, abusivamente violadas por alguns amadores, deram especialmente indústrias que se podem classificar num campinhiense ou num neolítico de tipo campinhiense. É a única estação que conhecemos em Portugal com estas características (2).

Em Pombal, o nosso colega Albuquerque e Castro descobriu um monumento megalítico contendo um espólio deveras notável, com fortes influências almerienses.

Finalmente, se porventura passamos em claro algumas descobertas importantes, tal omissão deve atribuir-se apenas a ignorância da nossa parte. Nos arredores de Lisboa não mencionamos algumas estações, onde não se fizeram ainda escavações metódicas mas apenas trabalhos de reconhecimento, alguns, infelizmente, por amadores sem preparação técnica e científica.

Não queremos deixar de agradecer a todos os camaradas que nos prestaram ajuda respondendo às perguntas que lhes fizemos no decorrer destes anos de trabalhos, ou àqueles que levaram a sua amizade e consideração a convidarem-nos a assistir às suas escavações. Entre estes últimos devemos salientar os nomes de D. Fernando de Almeida, Ten.-coronel Afonso do Paço, Abel Viana, Eng.º Freire de Andrade, etc.

Oxalá que as pesquisas arqueológicas em Portugal continuem num ritmo cada vez maior, dentro das normas científicas dos organismos responsáveis.

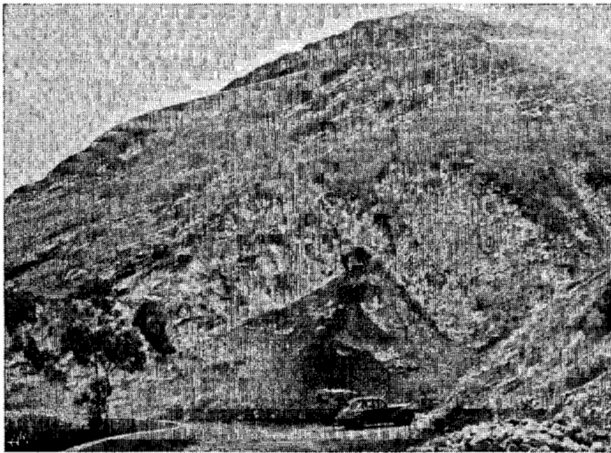
9

(1) E. Cunha Serrão, *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1959.

(2) G. Zbyszewski, Abel Viana e O. da Veiga Ferreira, «Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide», *Anais da Fac. de Ciênc. do Porto*. T. XLI, Porto, 1959.



1 — Vista da pedreira das Salemas com as fendas do lapiaz, onde se encontrou a fauna quaternária.

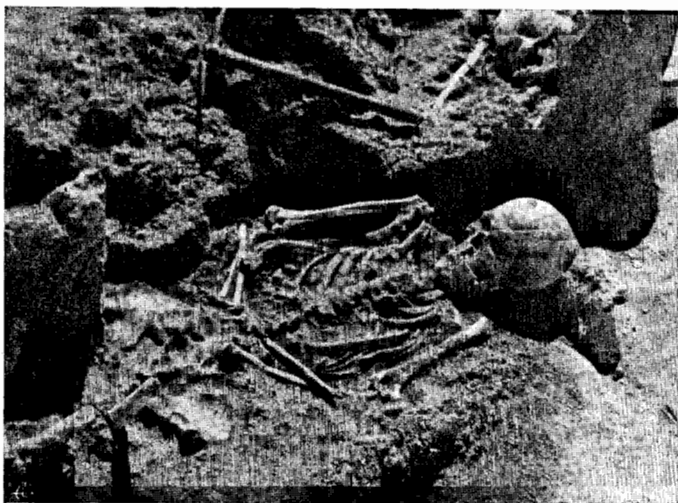


2 — Vista das grutas do Vale Roto — Columbeira, onde se abre a Gruta Nova, com indústria e fauna do quaternário médio.

Est. II



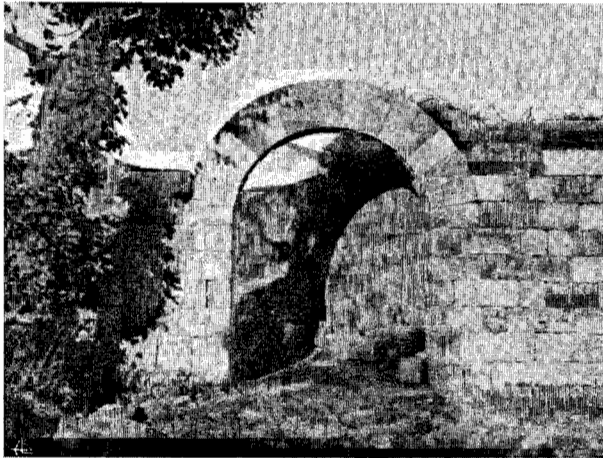
3—Vista do «concheiro» da Amoreira, onde ùltimamente se fizeram pesquisas e escavações pelo Rev. Jean Roche e Veiga Ferreira.



4—Um dos esqueletos da Moita do Sebastião. (Escavações de Jean Roche e Veiga Ferreira).



5 — Um forno romano da velha Egitânia. (Escavações de D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira).



6 — O arco romano da porta sul da Egitânia. (Reconstituição de D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira).

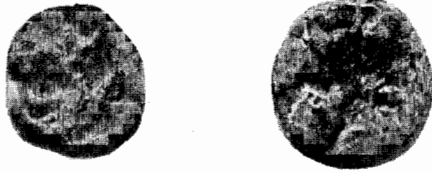
Est. IV



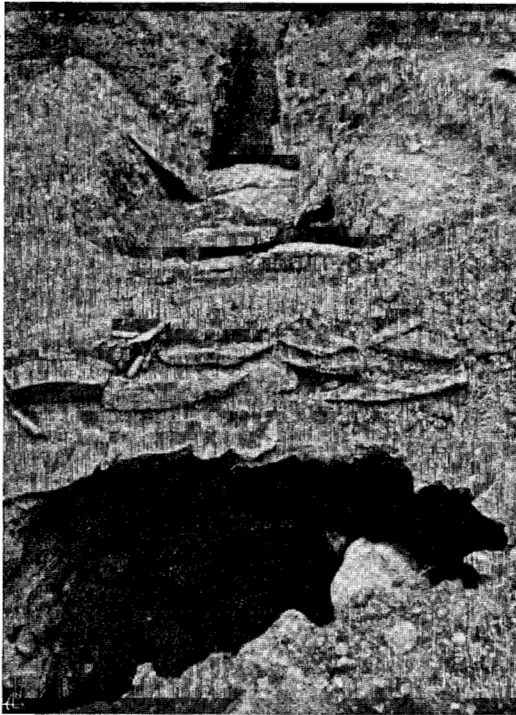
7 — O monumento de Casinhos. (Escavações de G. Zbyszewski, Vera Leisner, Camarate França e Veiga Ferreira).



8 — O Castro da Senhora da Cola. (Escavações de Abel Viana).



9 — Os dentes (molares) de tipo neandertaliano da Gruta das Salemas e da Gruta Nova.

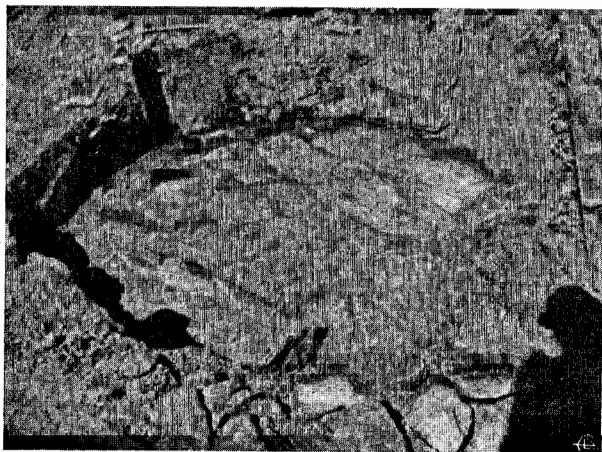


10 — O monumento do Monte do Outeiro (Aljustrel). (Escavação de Abel Viana, R. Freire de Andrade e Veiga Ferreira).

EST. VI



11 — O grande monumento da Praia das Maçãs. (Escavações de Vera Leisner, G. Zbyszewski, Camarate França e Veiga Ferreira).



12 — A cripta lajeada do monumento do Monte Velho (Ourique). (Escavações de Abel Viana, R. Freire de Andrade e Veiga Ferreira).